

## **Entrando na Roda: Relações de gênero e de poder no Movimento Capoeira Mulher em Belém-PA (2016-2017)**

*Entrando en la Roda: Género y Relaciones de Poder en el Movimiento Capoeira Mulher en Belém-PA (2016-2017)*

*Entering in the Circle: gender and power relations in the Capoeira Mulher movement in Belém-PA (2016-2017)*

**Luana de Nazaré Pinto Pena**

**Resumo:** Esta pesquisa analisa o papel de mulheres participantes do *Movimento Capoeira Mulher* na cidade de Belém-PA, com objetivo de compreender as relações de gênero e de poder existentes dentro deste movimento. Este foi idealizado para dar visibilidade à participação feminina na capoeira desenvolvida no Estado, visto que existem disparidades entre homens e mulheres no ambiente desta prática, como ausência de Mestras. A pesquisa etnográfica realizada entre 2016 e 2017 enfoca a capoeira como expressão cultural e artística desde o início da participação de mulheres na capoeira belenense, apresentando algumas questões ligadas a relações de poder e assimetrias de gênero dentro deste universo, remontando a trajetória do *Movimento Capoeira Mulher* e sua importância para construção da representatividade feminina nas rodas de capoeira.

**Palavras Chave:** Relações de Poder. Capoeiristas. Representatividade.

**Resumen:** Esta investigación analiza el papel de las mujeres que participan en el Movimiento Capoeira Mulher en la ciudad de Belém-PA, con el fin de comprender las relaciones de género y poder existentes dentro de este movimiento. Este fue diseñado para dar visibilidad a la participación femenina en la capoeira desarrollada en el estado, ya que existen disparidades entre hombres y mujeres en el ámbito de esta práctica, como la ausencia de "maestros". La investigación etnográfica realizada entre 2016 y 2017 se centra en la capoeira como expresión cultural y artística desde el inicio de la participación de las mujeres en la capoeira belenense, presentando algunas cuestiones relacionadas con las relaciones de poder y las asimetrías de género dentro de este universo, recorriendo la trayectoria del Movimiento Capoeira Mulher y su importancia para la construcción de la representación femenina en los círculos de capoeira.

**Palabras Claves:** Relaciones de Poder. Capoeiristas. Representatividad.

**Abstract:** This research analyzes the role of women participating in the Capoeira Mulher Movement in the city of Belém-PA, in order to understand the existing gender and power relations within this movement. This was designed to give visibility to female participation in capoeira developed in the state, since there are disparities between men and women in the environment of this practice, such as the absence of Masters. The ethnographic research carried out between 2016 and 2017 focuses on capoeira as a cultural and artistic expression since the beginning of women's participation in capoeira belenense, presenting some issues related to power relations and gender asymmetries within this universe, retracing the trajectory of the Capoeira Mulher Movement and its importance for the construction of female representation in capoeira circles.

**Key-words:** Power Relations. Capoeiristas. Representativeness.

## INTRODUÇÃO

A participação das mulheres na prática da capoeira vem sendo registrada desde o século XIX na cidade de Belém<sup>1</sup>. O contexto da época era o da abolição da escravidão e da decadência da economia da borracha, no qual os papéis exercidos pelo que se entendia por “mulher” já estavam inclusos em determinado tipo de “programa social”, onde ela teria que passar pelos estágios de filha, virgem, esposa e viúva. Como pode ser percebido no trecho abaixo, correspondente a uma parte de um artigo publicado em abril de 1898, em Belém do Pará, no *Diário de Notícias*:

[...] a mulher é formosura que em tudo sofre a caridade que tudo cura, a fé que comunica perpetuamente com o céu, a virtude benéfica, a santa poesia do lar, o anjo que se inclina sobre o berço e sobre o leito da dor, e deposita com suas lágrimas o orvalho do céu em nossa vida, o espírito de ordem, de economia, e de consolação de todas as dores, o sorriso celeste, o bálsamo que tira todo o veneno às feridas da existência, a oração que de contínua levanta a família a Deus, e enche de harmonia e virtude todo o lar, é o pensamento e o amor, a razão e a fé, a ciência e a poesia. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Belém, 14 abril. 1898. P.1. *Sob a epígrafe A família* apud OLIVEIRA et. al 2009, p. 139).

Qualquer mulher que fugisse desse programa era vista como desordeira pela sociedade. Muitos artigos de jornais da época retratavam os ditos “maus comportamentos” de mulheres, incluindo as praticantes de capoeira; os já citados comportamentos também podem ser encontrados em produções literárias, como se nota no trecho abaixo, retirado da obra *Belém do Grão Pará*, do autor paraense Dalcídio Jurandir:

[...] e avançando pelo beco, deu com aquela mulher escura, magra, descabelada que gesticulava e destratava. Logo aparecia outra, meio velhusca, que tentava acalmar a magra, nas boas palavras, nos bons modos. Qual! A descabelada passou a saltar na frente do outra como jogador de capoeira. E não é que de repente levanta o vestido sujo e roto, que era a sua única roupa? Tropeçou, caiu, se ergueu, leveira, para fazer o mesmo cinema, repetidamente [...] (JURANDIR, 1960, p. 36 – 37).

Esta obra de Jurandir (1960), ambientada na Belém nos anos de 1920, narra a história da família Alcântara, que, após a queda do Senador Lemos, precisa abdicar da sua vida de luxos obtidos graças ao ciclo da Borracha. Jurandir mostra como era retratada a mulher flagrada lutando capoeira: com adjetivos como “escura, magra, que gesticulava e destratava”, palavras escritas com o propósito de gerar no leitor uma repulsa por mulheres que praticavam essas “más índoles” da época.

Diante desse cenário imposto sobre a figura feminina na capoeira, este artigo tem por objetivo apresentar uma etnografia realizada com participantes do Movimento Capoeira Mulher, fundado por Silvia Leão em 2002, para reunir mulheres de vários grupos do Estado do Pará com o objetivo comum de valorizar o lugar das mulheres nessa prática.

<sup>1</sup> Os dados apresentados neste trabalho são produtos da pesquisa de conclusão de curso “Entrando na roda: relações de gênero no Movimento Capoeira Mulher em Belém-PA”.

Para a realização deste estudo de caso, foi utilizado o método qualitativo e a abordagem etnográfica, a pesquisa bibliográfica, a observação participante e a história oral. A partir da inquietação a respeito da maior participação masculina nos diversos grupos de capoeira da cidade de Belém, será realizado um diálogo sobre o papel das mulheres nesta atividade, mediante a análise de dados históricos, na tentativa de entender se a visão a respeito dos papéis de gênero equacionados pela prática mudou, ou não, dentro e fora das rodas.

A assimetria entre homens e mulheres nas rodas de capoeira pela cidade não é uma questão contemporânea. Desde muito tempo, o papel exercido pela mulher nessa prática é secundário: se restringe a cantar ou bater palmas. Em relação ao canto, a voz masculina e os instrumentos abafam a voz feminina, reprimindo as mulheres presentes ali. Hoje, a mulher ocupa as rodas e luta a capoeira assim como os homens, mas ainda há relações de poder, e quem conduz e dita as regras na roda é o sexo masculino.

Para compreender a subordinação de mulheres na capoeira é preciso entender que relações são essas por meio das quais uma mulher se torna uma mulher oprimida. A antropóloga e militante feminista estadunidense Gayle Rubin (1975, p. 11) apontou a existência de um “sistema sexo-gênero” que ela define como “os arranjos por meio dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produto da atividade humana”. O conceito de gênero se desenvolveu no marco dos estudos sobre mulher, mas, a partir dos estudos de Rubin, a distinção do conceito de gênero e mulher fica clara.

Na contemporaneidade, a presença das mulheres deixou de ser vista como novidade nos grupos de capoeira e nas rodas. O fato delas representarem hoje boa parte dos praticantes de capoeira indica que tanto os grupos, Mestres, e Contra-Mestres não podem ignorá-las, ou mesmo reduzir seus papéis, na participação das práticas e atividades dessas organizações.

No Estado do Pará, não existia Mestra de capoeira até que, em 22 de novembro de 2016, em uma roda de conversa realizada no Iphan sobre gênero na Capoeira, Rosângela Costa Araújo (Mestra Janja)<sup>2</sup> nomeou a idealizadora do Movimento Capoeira Mulher, Sílvia Leão, como a primeira Mestra do Estado. Por qual motivo esse título nunca havia sido conquistado por uma mulher, já que o título de mestre se consegue com o reconhecimento do mestre mais antigo do grupo? Aqui reside outra inquietação para a realização desta pesquisa.

Atualmente, as mulheres na capoeira lutam contra as relações de poder para que possam ser percebidas como sujeitos e não mais como objetos secundários, muitas vezes vistas apenas como “a mulher por trás do homem”. Porém é importante salientar que a invisibilidade da mulher na capoeira não se dá isoladamente, como uma consequência apenas das desigualdades de gênero. Ao contrário, para falar sobre mulheres na capoeira, uma prática cultural, historicamente atrelada à presença da ancestralidade negra no Brasil, o conceito de gênero não é suficiente, é preciso se pensar em categorias de articulação.

Crenshaw (2002) usa o termo interseccionalidade para explicar a intersecção de duas ou mais formas de subordinação. A autora utiliza a metáfora das avenidas, onde cada avenida é um eixo de subordinação e que, em determinado momento, esses eixos se cruzam, e a mulher negra se encontra exatamente no meio deste cruzamento. Já McKlinton (1995) percebe que os eixos de subordinação não existem separados, mas articulados entre si. Sendo assim, gênero, raça e classe devem ser discutidos conjuntamente como categorias de articulação.

<sup>2</sup>3ª Mestra mulher de capoeira nomeada no Brasil, uma das fundadoras do Grupo de Capoeira Angola Pelourinho na Bahia em 1982. Possui graduação em História pela UFBA, mestrado e doutorado em educação pela USP.

Esse conceito foi percebido por mim durante a pesquisa ao me deparar com a pluralidade das praticantes de capoeira, em relação à raça, classe social e gênero e em como elas articulavam essa diferença para a própria expressão da representatividade das mulheres dentro dessa prática.

Sendo assim, neste artigo, apresentarei o Movimento Capoeira Mulher, seu histórico, objetivos e o trabalho alcançado por esses 19 anos de luta, onde me embasei no projeto escrito por Silvia Leão, idealizadora do movimento, e nas entrevistas realizadas durante a pesquisa. Atrelado a isso, apresentarei meu contato com o campo onde pontuarei minhas observações e considerações sobre a participação feminina na capoeira belenense.

### 1. 7 de Setembro: o primeiro contato na roda

Nacionalmente conhecido, o dia 7 de setembro foi marcado pela independência do Brasil. Por esse motivo, todos os anos ocorrem desfiles militares por todo o país. Em Belém, não é diferente. Paralelamente a eles, acontece o Encontro Municipal de Capoeira, na Praça da República, localizada no centro da cidade, em comemoração à primeira roda de capoeira oficialmente organizada em Belém, que ocorreu no dia 7 de setembro de 1975.

Sendo assim, escolhi o dia 7 de setembro de 2016 para enfim começar o campo desta pesquisa, pois sabia que na praça estariam reunidos vários grupos da cidade e que, assim, escolheria, a partir da observação, qual se encaixaria melhor no objetivo da minha pesquisa, já que, no início, meu objetivo era escolher um grupo misto de capoeira e comparar seu trabalho com o trabalho exercido pelo movimento, para então perceber as relações de poder existentes nessa prática.

Cheguei à Praça da República às 9 da manhã com um caderno de campo para registrar minhas observações. Caminhei pela praça e não demorou muito para que eu encontrasse a primeira roda de capoeira, na qual instantaneamente percebi ali a primeira assimetria de gênero e relações de poder que envolvem o entrelace desta pesquisa. As mulheres estavam em pé, batendo palma e cantando, enquanto os homens estavam na orquestra da roda, comandando e jogando. Logo, uma apareceu na roda para jogar, deu uns golpes em um rapaz e logo foi cortada para dar lugar a outro homem. Na orquestra da roda não havia nenhuma mulher e isso também me chamou a atenção. Fiquei observando essa roda por mais uns 15 minutos e então continuei caminhando em busca de outros grupos.

Caminhei e continuei encontrando vários grupos de capoeira. Percebi que o encontro incluía vários grupos espalhados por toda a praça e não somente concentrados em um só espaço dela. A respeito deste ponto, tomo liberdade para inferir que esta configuração espacial remete um traço da rivalidade existente entre esses grupos, e isto também acarreta, às vezes, a oposição entre mulheres de diferentes grupos.

Logo encontrei a roda de um grupo em que eu estava interessada, no qual Mariana, mulher branca de classe média, estava jogando. Como já a conhecia de fotos da rede social *Facebook*, rapidamente a identifiquei<sup>3</sup>. Esperei que saísse da roda um instante para que eu pudesse chamá-la para conversar. Quando saiu, me aproximei e perguntei se ela era “a moça do Movimento Capoeira Mulher”. Como já havíamos mantido contato através da supracitada rede social um dia antes do evento, para que eu soubesse onde se encontraria o movimento, fui reconhecida e recebi sua confirmação. Depois disso, Mariana disse que me levaria para co-

<sup>3</sup>Neste artigo, todos os nomes das interlocutoras da pesquisa foram alterados para garantir seu anonimato.

nhecer alguém. Andamos até encontrarmos Telma e Thais conversando. Telma é uma mulher branca participante de outro grupo e fazia parte do movimento; já Thais, mulher negra, havia sido capoeirista e também estava pesquisando tema semelhante ao meu.

Mariana voltou para a roda do seu grupo e fiquei conversando com Telma e Thais. Enquanto conversávamos, contei para elas do que se tratava a minha pesquisa e então Telma começou a citar mais exemplos das relações de poder, como o fato de mulheres precisarem sair da capoeira quando engravidavam para que pudessem cuidar da família ou, muitas vezes, serem chamadas de “sapatão” por jogarem capoeira. Percepções que se somavam à minha curiosidade em notar que, naquele sete de setembro, não havia realmente nenhuma Mestreira comandando as rodas comemorativas na praça.

## 2. A Participação no I Colóquio sobre Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais

O *I Colóquio sobre Patrimônio, Gênero e Saberes Tradicionais* foi realizado no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) nos dias 22 e 23 de novembro de 2016. A mesa de conversa da qual participei como ouvinte, intitulada “A mulher na capoeira”, ocorreu no dia 22, às 18h. A primeira fala foi de uma pesquisadora, que abordou sua pesquisa a respeito da mulher na capoeira, bem como a história dessa prática no município de Belém. Também discursou sobre o sistema patriarcal no século XIX, que punia essas mulheres por lutarem, prática que persiste até os dias atuais.

Chamou-me a atenção quando a pesquisadora expôs acerca do significado do nome do grupo Dandara Bambula, o qual tem reunido mulheres capoeiristas em Belém por anos. “Olha só, Dandara Bambula é um nome extremamente significativo, sempre me chamou a atenção, Dandara, a esposa de zumbi, Bambula, a preferida. Né? Ele tinha outras! Sempre né?”. A partir disso, observei que segue presente a relação de poder do homem, que pode ter sua infidelidade, mas a mulher precisa ser fiel, e isso me faz lembrar a discussão abordada por Gonzalez (1984) entre dominado e dominador, existente não apenas entre colonizado e colonizador, mas também entre homens e mulheres negras.

No artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira” (1984), Gonzalez parte de uma reflexão em andamento, já trabalhada em textos anteriores nos quais ela trata da figura da mulata, primeiramente, e desencadeia a figura da doméstica e, posteriormente, a figura da mãe preta. Essas três noções se articulam para compreender e poder responder as perguntas que a autora se coloca logo no início: como a mulher negra é situada no discurso de identificação do dominado com o dominador? No caso brasileiro em particular, como o mito da democracia racial teve tanta aceitação e divulgação? Quais os processos que teriam determinado a sua construção? O que ele oculta para além do que mostra?

As duas categorias centrais para um entendimento dessa lógica de dominador-dominado são as noções de consciência e de memória, articuladas às concepções marxistas, entendendo a consciência e a memória numa relação dialética. Consciência seria o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. Memória, entendida como um não-saber que conhece, um lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, um lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. A dialética ocorre à medida em que a consciência exclui o que a memória inclui. O objetivo, então, será compreender esse movimento dialético entre a consciência e a memória da mulher

negra na sociedade brasileira que se estrutura em termos da linguagem no mito da democracia racial. O que ocorre no âmbito das relações sociais se nega através do discurso.

Logo depois, a fala passou para uma representante do Movimento Capoeira Mulher, que relatou a sua experiência em participar desse movimento e os preconceitos que enfrentou. Com o intuito de abordar o início e a fundação do movimento, iniciou seu discurso falando a respeito de Silvia Leão, o que a emocionou bastante. Terminada essa etapa, fez uma espécie de resumo dos então 16 anos de existência do Movimento.

Contou que o Movimento Capoeira Mulher foi idealizado por Silvia Maria Santana Leão, nascida em 1975 e falecida em 2004 devido a um câncer no pulmão. Era conhecida pela alcunha de “pé de anjo”. Esse apelido é devido ao tamanho de seus pés, assim como foi relatado por Rose por áudio no *Whatsapp* durante a minha pesquisa, amiga de Silvia e uma das primeiras integrantes do movimento. Entretanto, apesar de o apelido evocar delicadeza, dentro da roda, “o jeito que pisava era forte”. Além de capoeirista, era bailarina, atriz, estudante de Letras na Universidade Federal do Pará (UFPA), e aluna da escola de dança da mesma universidade. Silvia gostava muito do carnaval belenense. Chegou, inclusive, a participar, no ano de 2000, aos 25 anos de idade, do concurso Rainha das Rainhas, representando o clube dos advogados.

Quebrando diversas barreiras, Silvia, juntamente com outras capoeiristas, começou a falar com mulheres de outros grupos e com seus Mestres, explicando os objetivos de seu projeto, a fim de convencê-los a “liberarem” as meninas para a participação tanto do movimento quanto da roda do dia internacional da mulher, que seria realizada em 10 de março de 2002. Dessa maneira, ganham força e a confiança de mulheres e Mestres.

No dia 10 de março de 2002 ocorre, por fim, a realização da roda em comemoração ao dia internacional da mulher. Já organizado pelo Movimento Capoeira Mulher, o evento foi uma espécie de teste para a recepção e aceitação do projeto: os grupos convidados compareceram todos. Com o resultado positivo, era notório que o objetivo do projeto, a união das mulheres da capoeira, estava sendo alcançado.

Os objetivos do movimento, desde o seu nascimento, sempre foram embasados na organização das mulheres praticantes do Estado do Pará, estimulando o intercâmbio entre grupos e o reconhecimento de Mestres e Mestras, professores e professoras, todos que usam a capoeira como ferramenta educacional. O projeto também traz como pautas o desenvolvimento da organização feminina e a união destas às crianças e jovens contra a violência sofrida por crianças e mulheres, seja ela física ou verbal. Conseqüentemente, o projeto desenvolve trabalho no combate ao machismo, trabalhando a autoestima e defesa pessoal.

A fim de colocar estes propósitos em prática, as integrantes realizam suas atividades da seguinte forma: em um primeiro momento, são identificadas as dificuldades presentes nos grupos com os quais trabalham para que, a partir disso, sejam realizadas apresentações das rodas femininas e do Maculelê, com o intuito de resgatar a origem da capoeira. Desta forma é realizada a integração dos participantes para que as questões de autoestima e valorização das mulheres, bem como o estabelecimento da confiança das capoeiristas, sejam conquistadas<sup>4</sup>.

Com esse trabalho, muitas barreiras sobre a presença e participação feminina na capoeira foram e continuam sendo quebradas. Com o intuito de saber se o trabalho realizado com os grupos foi válido ou não, surgem os encontros de capoeiristas organizados pelo movimento.

<sup>4</sup>O Maculelê é expressão teatral que conta, através da dança e de cânticos, a lenda de um guerreiro, que conseguiu defender sua tribo de outra tribo rival usando dois pedaços de pau, tornando-se o herói da tribo.

A seguir, apresento as datas dos encontros relatados pela representante, que aconteceram até o momento de encerramento desta pesquisa<sup>5</sup>:

**Quadro 1:** Número e data de encontros realizados

| <b>Encontros</b> | <b>Datas</b>               |
|------------------|----------------------------|
| 1º encontro      | 10 e 12 de janeiro de 2003 |
| 2º encontro      | 10 e 11 de janeiro de 2004 |
| 3º encontro      | janeiro de 2005            |
| 4º encontro      | 11 e 12 de março de 2006   |
| 5º encontro      | 25 e 26 de agosto de 2007  |
| 6º encontro      |                            |
| 7º encontro      |                            |
| 8º encontro      | 9 e 10 de janeiro de 2015  |
| 9º encontro      | 11 e 12 de março de 2017   |

Fonte: PENA (2021)

Os encontros são marcados por rodas de capoeira, oficinas e debates sobre a participação feminina na capoeira do Estado. Não participam somente mulheres, mas todos os capoeiristas que se interessarem pelo evento.

A terceira palestrante a falar no colóquio foi uma capoeirista que contou um pouco sobre a sua história na capoeira e o machismo que ali sofreu, como ser chamada de “tia macho” pelos seus alunos nesta prática, e, por fim, revelou ter sido a primeira mulher paraense campeã na capoeira fora do Estado.

A quarta foi outra capoeirista, que hoje faz parte do movimento. Contou sua experiência na capoeira e revelou que, no início, não concordava com o movimento por não conseguir entender seus objetivos, mas que atualmente participa e, com as outras mulheres, resiste.

Por fim, a convidada baiana Mestre Janja, do grupo Nzanga de Capoeira Angola, contou sua experiência como a terceira mestra de capoeira mulher do Brasil e quantas barreiras sociais e de gênero teve que quebrar. Hoje, além de ser capoeirista, é pesquisadora de gênero nessa prática.

As falas das palestrantes remontam os séculos de luta e resistência de mulheres capoeiristas dentro e fora da cidade de Belém, em busca de sua autonomia e visibilidade, e denunciam que hoje o preconceito persiste.

No final das falas das participantes da mesa, foi aberta a sessão de perguntas e, nas respostas, Mestre Janja percebeu o quanto o nome de Sílvia Leão estava presente. Dessa forma, a mestra levantou-se e disse: “Vocês já tinham uma Mestre de capoeira no Estado e nem perceberam!”. Neste momento, perguntou se todos ali concordavam que Sílvia Leão fosse nomeada Mestre de capoeira, em memória, por toda a bagagem deixada para o movimento e para todas as mulheres capoeiristas do Estado.

Assim, foi dado início a uma espécie de votação, pediu para que se levantassem de suas cadeiras todos aqueles que concordassem com sua sugestão. A maioria dos presentes se levantou, mas tiveram pessoas que ficaram sentadas e, de acordo com o que vi, eram homens. Tendo concordado a maioria, Mestre Janja nomeou Sílvia Leão como a primeira Mestre de

<sup>5</sup>A respeito do terceiro, sexto e sétimo encontro, tive dificuldades de obter informações.

Capoeira do Estado *in memoriam*. Todos os presentes aplaudiram e se emocionaram bastante. No segundo dia de evento, no qual eu não estava presente, foi entregue o certificado de Mestre de Capoeira de Sílvia Leão ao seu irmão, Marco Apolo.

Este episódio foi de extrema importância para o desenvolvimento dessa pesquisa e um pulo na luta de mulheres capoeiristas no Estado do Pará, já que, desde o século XIX, jamais havia existido uma mestra no Estado.

Após o evento, as mulheres do Movimento sofreram bastante repressão pelos outros Mestres, ocasionada pela nomeação de Sílvia Leão. Muitos deles não estavam presentes na ocasião e, conseqüentemente, não puderam votar, fato este usado como justificativa para tal ato. Entretanto, percebi que a resistência oferecida se devia ao episódio de uma mulher ter se “atrevido” a nomear outra como Mestre.

A atitude de resposta do Movimento foi a de organizar uma roda para explicar o motivo desta nomeação e, para isso, muitos grupos foram convidados. Sobre este acontecimento, tratarei a seguir.

### 3. Roda à Sílvia Leão

A roda em comemoração à nomeação de 1º mestra de Capoeira do Estado foi realizada no dia 15 de janeiro de 2017 no anfiteatro da Praça da República. Cheguei ao local às 9h15 da manhã e, apesar de o evento estar marcado para as 9h, poucas mulheres do Movimento estavam presentes. Sentei-me e esperei o evento começar. Logo depois, Thais chegou ao local e começamos a registrar os acontecimentos<sup>6</sup>. Passados quinze minutos, algumas meninas presentes começaram a testar os instrumentos, tocando músicas de capoeira em uma espécie de aquecimento para a orquestra da roda. Aos poucos, os convidados foram chegando e a roda enfim se iniciou com a fala das meninas do Movimento para explicar seu significado. Em seguida, a grande roda se iniciou com jogo entre homens e mulheres.

Houve um momento em que a roda fez uma pausa e as participantes do movimento leram a letra de uma música em homenagem à Sílvia; após esse momento, as meninas concederam a fala a quem quisesse se pronunciar sobre a nomeação em questão. A irmã de Sílvia, Cristina, bastante emocionada, discursou sobre o acontecimento e alguns Mestres também discursaram se posicionando a favor da nomeação.

A roda de Sílvia Leão foi encerrada com uma apresentação de Maculelê das mulheres do Movimento e um samba de roda. Após o fim, fiquei para observar mais um pouco o encerramento. Percebi que todos ajudaram a guardar os instrumentos e muitas pessoas parabenizavam as organizadoras do evento.

### 4. O Olhar Etnográfico no 9º Encontro do Movimento Capoeira Mulher

O primeiro dia do 9º encontro do Movimento Capoeira Mulher, do qual participei, foi realizado no dia 11 de março de 2017. Cheguei ao local às 14h daquele domingo, como estava marcado previamente. Confesso que demorei um pouco para encontrar o ponto, dei cerca de duas voltas no quarteirão até descobrir o local. Quando passei pela segunda vez em frente ao local do evento, vi umas mulheres com a camisa do Movimento e vestidas com roupas carac-

<sup>6</sup>Esta data também foi escolhida pois janeiro também é o mês de aniversário do Movimento Capoeira Mulher.

terísticas da capoeira, porém pedi informações a elas a fim de certificar se de fato ali seria o evento, o que elas me confirmaram com um acenar de cabeça.

Quando cheguei à quadra, mais ou menos 10 moças já estavam presentes organizando o evento. As cumprimentei gentilmente, entregando o barbante que havia levado para ajudá-las na organização do evento, elas agradeceram e disseram que eu poderia ficar à vontade. Fiquei em pé observando a movimentação até que chegou outra pesquisadora que também possui o objetivo de pesquisa semelhante ao meu. Não demorou muito para que uma amiga que convidei chegasse ao local para me levar sua máquina, que me ajudaria a realizar os registros do evento. Alguns minutos depois, Thais também chegou para prestigiar o evento.

Houve certa demora no início do evento, pois Mariana se atrasou e as outras integrantes queriam esperar que todas estivessem presentes para enfim dar início às atividades. A programação começou com a oficina de primeiros socorros que foi ministrada por um Mestre de capoeira, uma oficina importante, mas que gerou críticas motivadas pelo fato de um homem estar ministrando uma oficina em um evento de mulheres e por ter se estendido, tomando um bom tempo do evento que já estava com a sua programação atrasada.

Em seguida, ocorreu um momento intitulado “Fala mulher”, sobre o qual fiz uma prévia anteriormente. Neste momento, elas fizeram uma pergunta direcionada para um Mestre que consistia em: “Por que você acha que é mais fácil manter um homem na capoeira do que uma mulher?”. Durante sua resposta, ele afirmou que a mulher deixa de praticar muitas vezes, o marido a tira por ser bonita e afirmou concordar com esta colocação pois “mulher bonita não pode jogar capoeira”. Após a sua resposta, todos que estavam presente se entreolharam assustados. Mariana respondeu pelo Movimento afirmando que nenhum homem iria tirar qualquer mulher daquele movimento da capoeira e foi aplaudida. Outro Mestre, em uma pergunta seguinte, afirmou que não é possível ensinar questões de gênero para crianças. Uma das convidadas presente no evento afirmou que seria possível esta atitude dentro da capoeira e que ela poderia inclusive doar materiais para ele para que pudesse tratar dessas questões em suas aulas.

Após este momento, as vivências se iniciaram e, durante duas delas, consegui perceber bastante domínio das ministrantes e interesse dos alunos, independente do gênero. Entretanto, durante as vivências, não foi possível perceber a interação de Mestres e alunas no exercício de duplas, apenas de Mestres com Mestres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, percebi que a importância de Silvia Leão vai além do Movimento Capoeira Mulher, um exemplo disso foi a fala de sua irmã, em perguntas respondidas pelo *Whatsapp* para a minha pesquisa, onde ela pontuava que, por mais que não participasse de movimentos feministas, Silvia lutava pelos direitos das mulheres dentro e fora da capoeira, por isso, sempre a considerou feminista. Era uma mulher à frente do seu tempo. Antes da criação do movimento, mulheres não podiam participar das rodas de grupos diferentes dos quais faziam parte sem a permissão de seu Mestre, devido à existência de uma hierarquia e rivalidade entre os grupos. Silvia, diante desde quadro, enxergava a problemática da rivalidade entre mulheres, e sentia a falta da existência de professoras e Mestras.

Com a fundação do Movimento, Mariana afirmou que o retorno recebido com este trabalho

não foi financeiro, mas social. De que forma? Primeiro, unir mulheres que eram rivais – pois seus grupos também eram rivais –, unir mulheres que não se toleravam nas rodas. O movimento mostrou que é possível lutar pelo mesmo ideal sem desrespeitar a hierarquia da capoeira, que é possível lutar juntas pelo respeito e reconhecimento da mulher. Outro ponto que o trabalho do Movimento conseguiu foi fazer com que as mulheres na capoeira conseguissem se impor e falarem o que pensam. Esse exercício é feito nos próprios eventos do Capoeira Mulher. Hoje, ao menos nos eventos, as mulheres conseguem comandar os instrumentos, coisa que não era feita em seus grupos de origem. A mulher, nos dias atuais, consegue escrever músicas e realizar eventos que possibilitam a igualdade de gênero. Quando em entrevista, perguntei como ela observa o machismo na capoeira. Ela respondeu que:

Como eu percebo? Quando um cara chega pra mim, um professor chega assim pra mim “vem cá! É... você namorou com um instrutor então você tem que ficar com um professor. Namorou com um instrutor porque tu não fica com um corda mais alta?” Não é machismo não? Entendeu? Quando um Mestre chega pra ti e fala que ele quer teu corpo. Então eu digo assim “Mestre me respeite!” Né? “E aí minha nega, tô brincando mas se você aceitar...” Né? E assim... brincadeiras a parte e a gente dá limites pra algumas pessoas. E pra outras não, mas tipo, você não... eu nunca dei esse tipo de liberdade pra ninguém, entendeu? O machismo da capoeira, está quando um cara chega num grupo de Whatsapp e coloca assim... “O que vocês acham dessas meninas que ficam com os capoeiristas? Quem ficam namorando com os capoeiristas por aí? O que vocês acham dessas mulheres?” Eu acho que... cada um vive a sua vida?! Entendeu? (Informação verbal)<sup>7</sup>

Nesta fala acima, podemos perceber o tipo de machismo existente na capoeira onde os Mestres e os outros homens tentam controlar as mulheres através do assédio sexual e verbal. O Movimento Capoeira Mulher luta diariamente contra esses tipos de machismo dentro dos grupos de capoeira. Segundo relatos das interlocutoras, as mulheres tinham que sair da capoeira quando ficavam grávidas; hoje, já conseguem trazer os filhos para a capoeira. Como é o caso de uma capoeirista que, durante meu período de pesquisa, fazia questão de publicar em suas redes sociais as imagens dela com seu bebê de colo nas rodas de capoeira.

Em entrevista, Mariana também mencionou que as mulheres que passaram pelo movimento, e que não jogam mais capoeira, ainda levam o aprendizado, elas carregam consigo uma bagagem que foi construída pela experiência deste projeto.

Durante o meu primeiro dia em campo, as falas das interlocutoras e minhas observações me levaram a entender melhor como acontecem as assimetrias de gênero e relações de poder dentro e fora das rodas de capoeira, e, assim, fizeram com que eu continuasse a coletar cada vez mais dados sobre a problemática desta pesquisa, principalmente percebendo que naquele 7 de setembro não havia realmente nenhuma mestra de capoeira.

Os estudos das relações sociais entre os sexos, os estudos de gênero e os estudos sobre mulheres, por exemplo, já com algum amadurecimento, podem contribuir para novas interpretações sobre a história da Capoeira e das capoeiras. Se a inversão ou o questionamento de perspectivas racistas possibilitou que o olhar exógeno melhor adentrasse o mundo das expressões complexas

<sup>7</sup>Entrevista 1. [Abril, 2017]. Entrevistadora: Luana de Nazaré Pinto Pena. Belém, 2017. 1 arquivo. Mp3. Duração: 01:01:32.



da cultura negra, entendo que a compreensão de que o binarismo de gênero, sendo igualmente estranho a tais expressões, poderá trazer inéditas perspectivas interpretativas sobre o assunto. E, para além dessas perspectivas isoladas, a assunção da interseccionalidade de raça e gênero permite que se avance no entendimento não só da Capoeira como expressão cultural afro-brasileira, mas, sobretudo, de como sua historiografia tem sido construída.

A diferenciação sexual, embora existente nas sociedades africanas, sofreu uma perversa transformação ao longo do processo colonial. Seu alcance pela colonialidade reverbera na experiência de vida das mulheres negras, da colônia e do pós-abolição aos dias atuais. As mulheres negras neste aporte sofrem com a “produção de efeitos específicos”, de um racismo engendrado que as apaga nas teorias e narrativas produzidas.

## REFERÊNCIAS

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos feministas* 1. 2002, p.171-189

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Belém, 14 abril. 1898.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*. Anpocs. 1984, p.223-244.

JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão-Pará*. São Paulo, 1960.

LEAL; OLIVEIRA. *Capoeira, identidade e gênero*. EDUFBA: Salvador, 2009, p. 137.

McKLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Routledge, 1995.

PENA, Luana de Nazaré Pinto. (2017). *Relações de gênero no movimento capoeira mulher em Belém-Pa.*, 2017. 56 f.: Trabalho de conclusão de curso (Graduação), Universidade da Amazônia, Coordenação de Ciências Humanas, Belém.

RUBIN, Gayle. The traffic in Women: Notes on the ‘Political Economy of Sex. In: REITER, Rayna. *Toward an Anthropology of Women*. Monthly Review Press, New York, 1975.

